



2.10 • As Forças Armadas dos PALOP

Forças Armadas angolanas: natureza, contingentes e estruturas

José Mendonça da Luz
João Matias

AS FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS (FAA) que agora vigoram numa República em paz interna passam a ganhar uma relevância de cariz diferente. Já não estão empenhadas em defender o Estado face às guerrilhas internas e injunções externas: estruturam-se agora num quadro de estabilização subsaariana entre países limítrofes e da própria sociedade angolana.

A estrutura organizativa está legalmente enquadrada segundo uma Política de Defesa Nacional recentemente aprovada e parece estar em curso a pretensão de uma contínua modernização das fileiras, moldando-se a instituição militar às expectativas sociais de um país emergente.

As dimensões geográficas e económicas deste país, comparadas com as dos países OTAN são manifestamente desproporcionais, o que pode ser entendido como um bom indicador dos desafios que se afiguram. Comparando, apenas a título de exemplo próximo, a geografia Angolana com a de Portugal veríamos que: o território a defender pelos angolanos é – em km² – 14 vezes maior do que Portugal mas a população angolana é apenas 1,7 vezes superior. Anualmente, Angola consegue recorrer, *in extremis* dentro das idades legais, a mais um milhão de cidadãos para as suas forças armadas do que Portugal poderia, mesmo optando por manter um sistema de conscrição – com duração de 24 meses – que aceita apenas homens dos 20 aos 45 anos de idade mas que conta também com a possibilidade de as mulheres poderem ingressar através de um sistema de voluntariado.

Angola terá tido em 2011 um PIB a rondar os 100 mil milhões de dólares e em 2010 a percentagem do seu PIB de 80 mil milhões de dólares alocada à área da Defesa terá sido de 4,52%. Os restantes países da UA têm uma média de 1,80% (o Chade ocupando o lugar de maior empenhador do seu PIB e o Gana o lugar de menor). A média percentual de alocação da força de trabalho disponível à área da Defesa nos países da União Africana é de 2,18%. Angola aloca cerca de 1,71%. O Estado Angolano vê-se a braços com enormes despesas pecuniárias com os militares desmobilizados, tendo que, por força dos acordos a que está obrigado, cativar para esta área uma significativa porção do seu Orçamento.

A estrutura das FAA

As forças armadas angolanas mantêm à sua disposição cerca de cem mil militares. Conta ainda com uma força de vigilância fronteiriça que ronda os 10 mil elementos e cerca de 50 mil cidadãos com experiência herdada das antigas Brigadas de Vigilância e Organização Popular de Defesa e cuja desmobilização não parece estar ainda completa.

Angola – com as suas 18 províncias – está actualmente dividida em seis regiões militares (Cabinda, Luanda, Norte, Centro, Leste e Sul) no que respeita à componente terrestre; três regiões aéreas (Norte, Centro e Sul) e duas regiões navais. Contudo, segundo a nova directiva do Comandante-em-Chefe das FAA a pretensão é a de que se constituam dois Corpos de Exército (Centro-Norte e Sul-Leste) e os respectivos Corpos Aéreos e Navais (um de cada). Poder-se-á talvez delinear uma linha directa com a evolução das forças de defesa pós-soviéticas (também na Rússia se abandonou o sistema Exército-Divisão-Regimento para adoptar o de Corpos de Exército/Brigadas).

As forças terrestres absorvem de longe a grande maioria do pessoal militar. A Região Militar de Cabinda é a casa da 1.^a Divisão de Infantaria que inclui entre outras, a 1.^a Brigada de Infantaria Motorizada (Brig.I.M.), e as 2.^a, 10.^a e a 12.^a Brig.I.M.. Como nas restantes regiões militares, apenas recentemente foram os Comandantes destas unidades promovidos de Coronel a Oficial General, no âmbito da reconfiguração acima mencionada. A Região Militar Norte (composta e Malanje) é suportada pela 2.^a Divisão de Infantaria (cujo Comando reside na província do Malanje) e inclui a 70.^a Brig.I.M. (localizada em Vale do Paraíso, Barra do Dande, província do Bengo); a 71.^a Brig.I.M. (localizada no Soyo, província do Zaire), a 20.^a Brig.I.M. (em Capanda, no município de Cacus, província de Malanje) aonde também se encontra um Regimento de Artilharia, talvez por se encontrar neste ponto do Rio Kwanza uma importante barragem hidroeléctrica; a 21.^a Brig.I.M. (localidade do Negaje, província do Uíge), a 13.^a Brigada de Engenharia, a 52.^a Brig.I.M. (em Cuimba, na província do Zaire), e a Escola de Artilharia Militar (em Ndalatando, município de Cazengo, Cuanza Norte). A Região Militar Centro (composta das províncias do Cuanza-Sul, Bié, Huambo e Benguela) comporta a 4.^a Divisão de Infantaria com Comando na cidade do Kuito. Inclui na sua estrutura as 40.^a e 19.^a Brig.I.M. (município de Camacupa, Bié), a 41.^a Brig.I.M. (na província do Huambo), a 63.^a, 64.^a e a 74.^a Brig.I.M. (no município de Caala, província do Huambo), a 42.^a Brig.I.M. (em Andulo, Kuito, província do Bié), a 49.^a Brig.I.M. (em Sumbe, província do Cuanza-Sul); a 101.^a Brigada de Tanques e a Academia Militar do Exército (na cidade do Lobito, província de Benguela). A Região Militar Leste (que inclui as províncias da Lunda Norte, Lunda Sul e Moxico) é a sede da 3.^a Divisão de Infantaria, que entre outras, comporta a 72.^a Brig.I.M. (em Luena, Moxico), um Grupo de Defesa Antiaérea e um Grupo Misto de Artilharia Terrestre; as 30.^a e 39.^a Brig.I.M. (em Cazombo, município do Alto-Zambeze, Moxico), a 31.^a Brig.I.M. (em Namuana,

município de Saurimo, província da Lunda Sul); a 32.^a Brig.I.M., a 62.^a Brig.I.M. (em Kameia, província do Moxico). A Região Militar Sul (constituída pelas províncias Huíla, Namibe, Cunene, Kuando-Kubango) recebe a 5.^a Divisão de Infantaria cujo comando assenta na localidade de Menongue: fazem dela parte a 61.^a Brig.I.M. (em Ondjiva, na província do Cunene), a 60.^a Brig.I.M. (na localidade de Matala, Huíla) e a 50.^a Brig.I.M.. A Região Militar de Luanda é aonde naturalmente residem as estruturas de topo da Defesa e das FAA, como por exemplo o Ministério da Defesa e suas múltiplas Direcções donde descendem os comandos completos sobre os ramos; a Escola Superior de Guerra (para ministrar cursos de Comando e Direcção, de Estado-Maior e de promoção a Oficial Superior); o Instituto Técnico Militar (para ensino especializado de áreas da saúde e da engenharia); o Campo Militar do Grafanil, um Regimento da Polícia Militar; o Regimento de Transporte Logístico; a Brigada de Artilharia de Campanha, e a Unidade de Apoio do Exército. Ainda, dependem directamente do CEMGEFA as reputadas unidades de Forças Especiais: a Brigada de Comandos (baseada em Cabo Ledo, província do Bengo) e a unidade de tipo regimento das forças especiais que também inclui Fuzileiros Navais (em Ambriz, Bengo). As unidades do Exército estão, aparentemente, estrategicamente instaladas em pontos cruciais do território angolano e na sua maioria dispõem de um aeroporto pavimentado na sua proximidade (que pode também servir de base aérea, facilitando a sua projecção). Ainda, tratam-se de localidades nas intersecções de estradas muitas vezes raras na respectiva província.

Os sistemas de armas

Na sua globalidade os equipamentos disponíveis aos militares angolanos provêm dessa enorme economia de guerra que era a União Soviética (este material, havendo em larga abundância dos *stocks* da guerra fria é relativamente pouco dispendioso) e não arriscaremos números exactos, dada a disparidade das fontes e a impossibilidade de asseverar do seu estado de manutenção, mas antes um valor numérico arredondado. Assim, contam com cerca de 150 carros de combate (*MainBattleTank's*) sendo os mais modernos os T-72 cuja principal mais-valia será o dispositivo de protecção ERA (*Explosive Reactive Armour*). As FAA contarão com menos de 25 destes MBT. Os restantes carros de combate incluem o T-62, T-55s e T-54 – estes últimos somam cerca de cem carros – e uma dúzia de carros anfíbios PT-76s. São portanto viaturas bastante ultrapassadas – excepto talvez o T-72. Torna-se necessário res-

salvar que as infra-estruturas de transporte terrestres são menos boas, apesar do enorme e contínuo esforço feito pelo Estado Angolano na modernização e manutenção destas redes: compõem-se de cerca de 2.700 km de vias férreas e cerca de 50.000 km de estradas das quais apenas 5.000 km serão alcatroadas, pelo que movimentar grandes números de carros de combate pode revelar-se demorado e custoso.

No campo das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (ou *Infantry Fighting Vehicle*, consoante a configuração), cujo número ronda as trezentas, o principal sistema é o BMP-2 (cerca de um terço das viaturas) cuja evolução é a peça de 30 mm de tiro automático de dupla velocidade e a possibilidade de recorrer ao sistema míssil anti-carro AT-4/5. Seguem-se as viaturas de reconhecimento BRDM-1 e 2 (cerca de 80 viaturas), as VBTP de rodas BTR-60 e 152 e as OT-62 (um veículo bastante desactualizado).

“
[...] as FAA são a instituição por excelência que mais contribui para a formação da Nação Angolana.
”

As unidades de artilharia contam com cerca de pouco menos de um milhar de peças: o D30 de 122 mm com um alcance máximo de 15/21 km (consoante a munição usada) e o M46 de 130 mm são as peças com maior alcance mas com baixo ciclo de fogo por minuto, o que minimiza o seu apoio às forças de infantaria. Contam ainda com peças já muito antigas, como o M1942. Ainda, sistemas de morteiro de 80 mm e 120 mm constituindo estes a grande maioria de equipamentos disponíveis na artilharia Angolana. De artilharia autopropulsada, Angola poderá ainda ter em uso o 2S3 Akatsiya (M1973) em número muito reduzido. Conta ainda com os muito conhecidos sistemas MLRS BM21 e BM24 (num número que não ultrapassará os 80) cujos alcances variam bastante consoante a munição aplicada (máximo 40 km). Os sistemas antiaéreos incluem igualmente equipamento muito ultrapassado e não há indicação de que os Angolanos tenham aplicado às viaturas o míssil STRELA-1 como complemento de apoio antiaéreo de baixa altitude) – e as ZU.23-2 bitubo de 23 mm. As FAA contam ainda com o míssil terra-ar portátil Strela-2 (SA-7, NATO) – provavelmente a versão b – e Strela-3 (SA-14) para alvos a baixa altitude.

Meios marítimos

A componente marítima das FAA é de longe a menos preparada, sobretudo tendo em conta que a sua linha costeira soma uns 1.600 km. A Marinha de Guerra de Angola parece estar muito mal preparada para controlar quer a sua costa quer a sua Zona Económica Exclusiva. A sua área de acção divide o país em duas zonas (Zona Naval Norte

e Zona Naval Sul) e conta com cerca de mil militares com bases navais em Luanda, Lobito e Namibe e unidades de Fuzileiros Navais em Cabinda. Os seus navios constituem-se de navios de patrulha: quatro navios da classe Mandume com um alcance de cerca de 1.500 km; três navios da classe Patrulheiro (alcance 1.800 Km) e diversos semi-rígidos do tipo zodiac para controlo de vias fluviais. Estarão a ser efectuadas aquisições de novos navios e planos de reorganização futura.

Meios aéreos

A Força Aérea Nacional de Angola (FANA) – que conta com cerca de 3.500 militares estruturados operacionalmente em seis regimentos – é talvez a que maior capacidade de dissuasão e defesa oferece ao Estado Angolano. Divide o país em três Zonas Aéreas Militares e beneficia do facto de o território ter cerca de trinta aeroportos pavimentados (dos mais de 150 por todo o país) todos eles com comprimento mais do que suficiente para acolher as aeronaves de combate e transporte. Talvez a maior falha nesta força aérea, em termos de equipamento, reside nas aeronaves de reconhecimento: não possuem nenhuma com sistemas de vigilância electrónica e são simultaneamente usadas para treino. Assim, contam-se cinco Pilatus PC-7/9, uma dezena de Embraer-312 Tucano, uns quantos Yakovlev Yak-11 e Cessna 172. O verdadeiro poder aéreo advém das aeronaves de fabrico russo Mikoyan-Gurevich e Sukhoi: menos de vinte SU-22/25K/27 e cerca de trinta MIG-21/23, garantindo capacidade de disputar superioridade aérea até 3.500 km e de garantir apoio aéreo próximo (CAS) às forças no terreno num raio de 2.300 km desde uma das bases aéreas. A FANA não tem aeronaves de reabastecimento no ar, mas com a quantidade de bases disponíveis por todo o país consegue um raio de acção considerável. Algumas das principais bases aéreas encontram-se no Huambo, Catumbela (parece-nos que esta se encontra particularmente activa dado o seu aparente nível de manutenção e número de aeronaves de combate presentes), Cuito, Menongue, Luanda. A FANA conta ainda com uma vasta série de aviões de transporte (logístico e VIP) contando-se: quinze Antonov NA-26 (transportam cerca de 40 pessoas), seis C-212 Aviocar (cerca de vinte e cinco pessoas cada), oito BN-2 Islander (cerca de oito pessoas), dez NA-12 (cerca noventa pessoas), dois Embraer-111 – também usados para patrulhamento –, um Gulfstream 3 (VIP), quatro Pilatus PC-6 Porter, um Embraer 135BJ (VIP). Os regimentos de helicópteros possuem: vinte helicópteros de ataque ao solo Mi24 (transporta oito pessoas); oito SA-342M Gazelle (transporta três pessoas); cerca de vinte helicópteros de transporte MI-8 (cerca de 25 pessoas), doze MI-17 (cerca de 25 pessoas) e oito Bell 212 (cerca de seis pessoas); vinte SA Alouette 3 (quatro pessoas); dois helicópteros de reconhecimento SA-315B; e oito helicópteros de transporte VIP SA365H Dauphin.

Ponderando estes dados pode-se concluir que de toda a região (além da *Southern Africa Development Community* e abaixo do Sahara) serão

as Forças Armadas Angolanas das melhor preparadas para eficazmente projectar e/ou deslocar as suas forças. No entanto numa análise mais aprofundada notar-se-ia que o potencial de combate do país fica limitado pelo facto de não haver indústria militar autóctone, nem o necessário investimento no desenvolvimento tecnológico que suporte uma boa alocação dos recursos disponíveis, assim como, de momento, a inexistência de uma estrutura de manutenção adequada à quantidade e diversidade de equipamentos disponíveis. Parece-nos que Angola muito beneficiaria do estabelecimento de parcerias internacionais (especialmente no âmbito da CPLP, cuja experiência técnica e proximidade cultural pode ser assaz relevante), trazendo para o seu território a capacidade internacional na área da investigação, manutenção e desenvolvimento dos seus equipamentos e estruturas, ao invés da contratualização de tais serviços fora de fronteiras, cuja principal consequência é a ausência de absorção do conhecimento. Ainda outro factor a considerar é o de parecer haver um latente desequilíbrio salarial nas fileiras, o que pode muito bem perturbar a prontidão das forças, apesar dos constantes esforços no sentido de atenuar esses desequilíbrios.

Não obstante Angola estar incluída em diversas organizações regionais e pan-Africanas, as FAA não estão – deliberadamente – integradas nas forças de imposição/manutenção de paz – exceptuando-se um acordo bilateral que determinou a criação da MISSANG colocando tropas angolanas na Guiné-Bissau. As FAA estão ainda muito consumidas pelos esforços dentro das suas fronteiras no “retorno à calma” permitido pelos acordos de paz: participam no enorme e dispendioso trabalho de desminagem do território angolano, aonde a integração dos ex-elementos da UNITA parece ter grande relevância pelo seu conhecimento dos campos por eles utilizados. Programas esses essenciais não só à segurança básica das populações mas também ao desenvolvimento habitacional, exploração agrícola e turística e exploração das vias de comunicação; implementam e gerem programas de saúde (anti-VIH/SIDA); procedem a programas de alfabetização e consciencialização social e cívica da população (tanto dos militares como dos civis); e promovem formação académica desde a mais elementar à pós-graduada (de onde a CPLP beneficia da progressão da Língua Portuguesa) sobretudo nas áreas mais desfavorecidas do país.

É fácil concluir que as FAA são a instituição por excelência que mais contribui para a formação da Nação Angolana. As FAA têm a difícil missão de aglutinar as suas diversas etnias e diversidades políticas numa identidade democrática no seu território natural e sossegar um historial pouco pacífico da região subsaariana, pelo que o seu esforço vai muito além da própria defesa do território, como se compreende ser a função comum nas Forças Armadas ocidentais. O resultado deste esforço ficou bem patente na forma como bem correram as recentes eleições apesar das diferenças sociais existentes. ■